

Uso de Defensivos Naturais, Uma Alternativa Saudável e Rentável

PEREIRA, Karla Elita Viegas. Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte, karlaviegas_81@hotmail.com;

Resumo

A preocupação com o meio ambiente, com os produtos agrícolas, com os produtores e com os consumidores, motivaram a iniciação de uma experiência em um dos locais mais contaminados do Vale do Açu, no estado do Rio Grande do Norte. O Projeto Oswaldo Amorim, localizado no Baixo Açu, Alto do Rodrigues, RN, tem uma área com aproximadamente 3.000 hectares cultivada com banana (*Musa spp*), mamão (*Carica papaya*), dentre outras culturas, sendo seu maior agravante o uso incorreto de produtos químicos. A maioria dos agricultores familiares usa agrotóxicos em sua propriedade sem buscar informações de profissionais habilitados. Com base nessa situação, surgiu o projeto que visa orientar e acompanhar esses agricultores familiares do plantio a colheita, através de visitas, palestras, oficinas e reuniões, demonstrando que é possível ter uma boa produção utilizando defensivos naturais em substituição ao químico. Atualmente, na área já é produzido banana orgânica de ótima qualidade e de boa aceitação no mercado.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Meio Ambiente. Fitossanidade. Agrotóxicos.

Contexto

Após realizar um levantamento sobre a realidade dos agricultores familiares da região do Vale do Açu, RN, surgiu a necessidade de desenvolver um projeto que pudesse levar naquele local uma nova realidade e expectativa de vida. A região do Vale é um lugar onde se observa alta incidência de aplicação de agrotóxicos, sendo, ainda, manuseados de forma não recomendada.

Diante deste quadro, ou seja, por se tratar do uso de produtos de processos físicos, químicos ou biológicos, cuja finalidade é alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos (Lei Federal 7.802 de 11.07.89), viu-se a necessidade de desenvolver um diálogo entre os técnicos e os agricultores, para que informações fossem repassadas de forma segura a respeito das precauções necessárias durante seu uso, visando à proteção dos operários que os manipulam e aplicam.

A falta de informação e o uso indevido de produtos químicos tornaram ainda mais relevante o desenvolvimento de um trabalho em busca de expandir a “consciência ambiental”. Era preciso alertar sobre os riscos que aquela comunidade e o meio ambiente estavam submetidos. Notavam-se falhas gritantes como o não uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI's): máscaras protetoras, óculos, luvas impermeáveis, chapéu impermeável de abas largas, botas impermeáveis, macacão com mangas compridas e avental impermeável, que deveriam ser utilizados pelos operários e o uso errôneo do agrotóxico desde sua aquisição até a utilização.

Ou seja, não havia nenhum cuidado de evitar a contaminação do ambiente e locais por onde transitam; de nunca transportá-los junto com alimentos, rações, remédios etc; nunca carregar embalagens que apresentem vazamentos; de verificar se as tampas estão bem ajustadas; de impedir a deterioração das embalagens e das etiquetas; de não levar produtos perigosos dentro da cabine ou mesmo na carroceria se nela viajarem pessoas ou animais; não estacionar o veículo junto às casas ou locais de aglomeração de pessoas ou de animais; em dias de chuva sempre cobrir as embalagens com lona impermeável se a carroceria for aberta; entre outras precauções essenciais, pois o manuseio inadequado de agrotóxicos é um dos principais responsáveis por acidentes de trabalho no campo. Sua ação no organismo humano pode ser lenta e demorar anos para se manifestar, mas, seu uso tem causado diversas vítimas fatais, além de abortos, fetos com

má-formação, suicídios, câncer, dermatoses e outras doenças. Há uma consciência crescente do problema, expressa em estudos sobre as condições em que ocorre a exposição de agricultores brasileiros a agrotóxicos.

Segundo a OMS, há 20.000 óbitos/ano em consequência da manipulação, inalação e consumo indireto de pesticidas, nos países em desenvolvimento, como o Brasil, que atualmente, é o terceiro maior consumidor de agrotóxicos do mundo e o primeiro no âmbito da América Latina e, embora tenha logrado avanços consideráveis no controle da produção e consumo desses produtos nos últimos tempos, ainda apresenta condições sócio-sanitárias compatíveis àquelas de países em desenvolvimento. Apesar desses dados, o agricultor brasileiro ainda chama o agrotóxico de remédio das plantas, entretanto não conhece o perigo que ele representa para a sua saúde e o meio ambiente.

Além desses fatores, havia, sobretudo, um desejo de conscientizar aquela comunidade sobre o meio ambiente e sua saúde, pois, um simples preparo da calda é considerado, uma das operações mais perigosas para o homem e o meio ambiente, uma vez que o produto é manuseado em altas concentrações. Normalmente esta operação é feita próxima a fontes de captação de água, como poços, rios, lagos, açudes etc, e geralmente ocorrem escorrimentos e respingos que atingem o operador, a máquina, o solo e o sistema hídrico, promovendo desta forma a contaminação de organismos não alvos, principalmente daqueles que usarão a água para sua sobrevivência.

Via-se, então, no Baixo Açu, a preocupação apenas com o crescimento econômico e isso se torna um empecilho para o avanço nas práticas de proteção e preservação ambiental. E, ao se deparar com essa realidade, houve a necessidade de se implantar estratégias que fossem aplicadas de forma rápida e eficiente.

Em alguns locais já se podia ver aumento das consequências gravíssimas em decorrência da falta de informação, como trabalhadores que apresentava sua saúde afetada, peles marcadas pelo contato com o produto químico e solos já castigados e saturados com o uso indevido destes produtos. O meio ambiente, o mais afetado até então, apresentava aspectos significativos de desgaste e poluição. Solos, rios, lagos, poços, nada ficou alheio a tanto descaso. O cenário era, realmente, digno de mobilização por parte de profissionais capacitados para atuar de forma decisiva e incisiva em favor do meio ambiente.

E neste sentido, surgiu o projeto de desenvolver e implantar uma agricultura alternativa naquele local, com o objetivo de mostrar as vantagens do uso dos defensivos naturais, sua eficácia, os cuidados que devem ser tomados em sua preparação, armazenamento e aplicação, levando-se em consideração, o tempo mais oportuno para a aplicação e resposta da planta, que tem em consequência do produto, seu metabolismo estimulado. Busca-se, também, obter uma boa safra com produtos agrícolas mais saudáveis, evitando a contaminação do produto e, principalmente, do consumidor.

Descrição da Experiência

O projeto iniciou quando se viu a necessidade de tentar recuperar ou não degradar ainda mais o meio ambiente. Neste sentido, surgiu a idéia de usar defensivos naturais para o combate de pragas e doenças ao invés de produtos químicos.

No primeiro momento, achamos que não seria possível tal prática naquele local, devido os agricultores familiares já ter adotado o uso de agrotóxicos como defensivos há bastante tempo.

No entanto, mesmo se deparando com essa realidade, começaram a ser feitas visitas ao campo objetivando em primeiro plano uma conscientização ecológica. Entretanto, antes de ir ao campo, foram realizadas pesquisas sobre Educação Ambiental, com a finalidade de levar materiais de ensino aos agricultores familiares, seus operários e sua família.

O intuito foi mostrar àquelas pessoas que o meio ambiente é a base natural sobre a qual as sociedades humanas se estruturam e que o ar, a água, o solo, a flora e a fauna formam a sustentação física, química e biológica para que as civilizações humanas possam existir no planeta. No entanto, ao longo dos diferentes estágios de sua história, essas civilizações foram modificando o meio ambiente.

Em meio ao estudo, certificamos de que realmente a natureza vai pouco a pouco deixando de existir para dar lugar a um meio ambiente transformado, modificado, produzido pela sociedade moderna. O homem deixa de viver em harmonia com a natureza e passa a dominá-la, dando origem ao que se chama de segunda natureza: a natureza modificada.

Após esse período de conhecimento e, como uma tomada de consciência, começaram a ser realizadas visitas técnicas ao campo, tendo um objetivo de atingir o maior número possível de agricultores familiares. Apesar de naquela localidade, - existirem lotes empresariais, estes não eram alvos para implantação do projeto, e desta forma a extensão rural dirigiu-se apenas aos pequenos produtores.

As atividades, portanto, começaram a ser desempenhadas no Projeto Oswaldo Amorim, Baixo Açu, município de Alto do Rodrigues, RN, Brasil, a partir de fevereiro de 2009, com previsão de término para dezembro de 2009. Participam, juntamente, das visitas Thiago Romero, Técnico Agropecuário, Maria Elina Carvalho, Assistente Social, e Emater/RN, Instituição de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte, a qual proporciona desenvolver esse projeto. E, durante o primeiro mês de visita ao campo, foram desenvolvidas conversas informais com os agricultores e também com os seus operários.

Inicialmente, os trabalhadores e o próprio agricultor não pretendiam aceitar as informações que seriam de grande importância não só para o meio ambiente, como também para a saúde de quem manuseava os produtos químicos. Mas, com o decorrer da conversa percebiam que a visita não só trazia uma consciência de alerta ao meio ambiente, saúde e segurança, como também proporcionava assistência à sua família, através do diálogo com a assistente social.

Depois de algumas visitas, as conversas começaram a serem debatidas de forma amigável e se tornaram receptivas, passando a dar resultados, ou seja, aqueles ensinamentos estavam sendo colocados em prática pouco a pouco.

As visitas técnicas passaram então a se transformar em palestras e oficinas no campo. E na oportunidade, eram dadas várias informações sobre: o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI's) que deveriam ser adotados e utilizados em boas condições, possuir Certificado de Aprovação do Ministério do Trabalho, além de serem mantidos em locais limpos, secos, seguros e longe de produtos químicos; transporte, armazenamento de agrotóxicos e cuidados no manuseio dos defensivos; e, principalmente, sempre com a preocupação de incentivar o uso de defensivos naturais, provocando assim, menos impactos à natureza, resgatar e difundir as soluções caseiras como: cinzas de madeira, farinha de trigo e leite, que são práticas mais adequadas e menos perigosas, reduzir a presença de pragas e doenças através do uso de algumas técnicas simples e buscar o equilíbrio ecológico e a prevenção de problemas que afetam a saúde das plantas.

Resultados

A realização de ações educativas, através de palestras e oficinas, começou a levar um novo parâmetro para aqueles agricultores familiares, que anteriormente, não se davam conta dos riscos que corria e do mal que causava ao meio ambiente.

A construção de uma proposta de Educação Ambiental passou então a dar resultados satisfatórios. Alguns dos pequenos produtores de Banana (*Musa spp*), Mamão (*Carica papaya*), entre outras culturas, já começaram a adotar métodos ecologicamente corretos. Ou seja, trocou os agrotóxicos por defensivos naturais à base de sabão neutro para o combate de alguns insetos, devido a sua boa adesividade, apresentando bons resultados.

Na cultura da banana do Baixo Açu, em Alto do Rodrigues – RN, já está sendo utilizado adubo orgânico. Utiliza-se o esterco bovino curtido, juntamente, com minhocas. Assim, realiza-se a compostagem, processo biológico em que os microrganismos transformam a matéria orgânica, como estrume, folhas, papel e restos de comida, num material semelhante ao solo, a que se chama composto, e que pode ser utilizado como adubo.

Este processo é muito vantajoso, pois, ao mesmo tempo em que melhora a estrutura e aduba o solo, gera redução de herbicidas e pesticidas devido à presença de fungicidas naturais e microorganismos, e aumenta a retenção de água pelo solo.

E, de acordo com dados fornecidos pelos agricultores familiares e, também, visto durante acompanhamento em visitas realizadas ao campo, a banana tem correspondido de forma positiva aos novos tratos culturais adotados por eles.

As melhorias foram observadas não apenas quando os frutos começaram a serem colhidos, mas durante todo o ciclo, pois, a bananeira apresentava um bom aspecto em sanidade, sendo um fruto sem manchas e mais forte (não despencando do cacho). Os resultados então estão sendo satisfatórios. Não tem ocorrido queda na produção, nem mudança negativa nos frutos, ao contrário, eles apresentaram sua textura mais lisa e uniforme, além de passar a ter um brix mais elevado, dados esses adquiridos com teste realizado no laboratório Lagri-PE, onde o brix da banana pacovan tradicional apresentou teor de 13,42 e a banana orgânica 15,25.

A experiência tem continuidade até dezembro, quando será entregue um projeto de pesquisa. E, até chegar o período determinado, a meta é alcançar o maior número de agricultores familiares possível, e incentivá-los a uma prática saudável e que rende bons resultados.